

Departamento de Dermatologia: Histórico, seus Professores e suas Contribuições Científicas

Department of Dermatology: History, Professors and their Scientific Contributions

Evandro A. Rivitti*

DESCRITORES: Dermatologia/história; Docente de Medicina/história.

O primeiro professor da então cátedra de Clínica Dermatológica e Sifilografia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo foi o Prof. Adolpho Carlos Lindenberg (foto 1), um dos pioneiros da Dermatologia no Brasil. O Prof. Lindenberg ministrou a primeira aula de Dermatologia em 26 de fevereiro de 1916 para os alunos do 4º ano, uma vez que os cursos da recém-criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo tiveram início em 2 de abril de 1913. As aulas eram ministradas na Santa Casa de São Paulo onde, em 3 de maio de 1907, fora criado o Serviço de Moléstias da Pele sob a chefia do próprio Prof. Lindenberg.

O Prof. Adolpho Carlos Lindenberg nasceu em Cabo Frio em 12 de setembro de 1872. Diplomou-se em 1896 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo-se especializado em Dermatologia com renomados professores europeus: Prof. Lesser, de Berlim; Prof. Riehl, de Viena e os Profs. Brocq e Sabouraud, de Paris.

O Prof. Lindenberg iniciou as atividades do Departamento de Dermatologia dentro da moderna filosofia do ensino médico, priorizando, não somente as atividades didáticas como também atividades clínicas e de pesquisa. As atividades clínicas desenvolviam-se em ações ambulatoriais no Pavilhão Conde de Lara e em

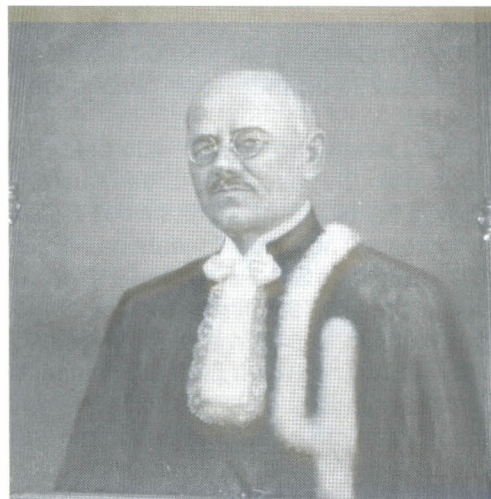


Foto 1: Prof. Dr. Adolpho Carlos Lindenberg

atividades de enfermagem na Terceira Medicina de Mulheres e na Quarta Medicina de Homens, cada qual com cerca de 40 leitos.

Anexo à enfermagem, o Prof. Lindenberg criou um laboratório de pesquisas de alto padrão, além de um

* Chefe do Departamento de Dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
E-mail: elimaria@hcnet.usp.br

biotério, onde se desenvolviam estudos relacionados às enfermidades mais freqüentes na época: leishmaniose, paracoccidioidomicose e outras micoses profundas e pêfígo foliáceo.

O Prof. Lindenberg desenvolveu estudos em pêfígo foliáceo e, formulando a hipótese de etiologia viral, realizou vários trabalhos tentando inoculações experimentais em coelhos.

Contribuição marcante ao conhecimento científico foi a descoberta do agente etiológico da leishmaniose tegumentar, comunicada no jornal "O Estado de São Paulo" de 30 de março de 1909, em que se informou que o Prof. Lindenberg encontrara parasitas em doentes de úlcera de Bauru internados na enfermaria da Santa Casa de Misericórdia. De modo quase simultâneo, Carini e Paranhos confirmaram os achados de Lindenberg que, na ocasião, acreditou tratar-se do mesmo parasita do botão do Oriente, a *Leishmania trópica*. Em 1911, Gaspar Vianna demonstrou que o parasita observado por Lindenberg era diferente da *Leishmania trópica*, propondo o nome de *Leishmania brasiliensis*. Deve-se, portanto, a Lindenberg, a demonstração, pela primeira vez, de que o agente causal da leishmaniose tegumentar americana era um protozoário classificado no gênero das leishmanias.

Lindenberg publicou ainda, em 1909, na Revista Médica de São Paulo e nos *Archives de Parasitologie*, a descrição de um novo tipo de micetoma produzido por um fungo que denominou *Discomyces brasiliensis*, que corresponde ao que hoje denominamos *Actinomyces brasiliensis*.

O Prof. Lindenberg exerceu o magistério até 22 de maio de 1929, quando, por razões de saúde, aposentou-se.

O Prof. Lindenberg foi sucedido pelo Prof. João Aguiar Pupo (foto 2), nascido a 12 de maio de 1890 e diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1912. Ingressou no corpo docente da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1913. Iniciou suas atividades na cadeira de Química Médica, tornando-se professor substituto em 1914 e regente da cadeira de terapia, em 1917, vindo a ser professor catedrático em 1924. Assumiu a cadeira de Dermatologia em 1929, da qual se aposentou em 1960. Professor extremamente ativo, foi duas vezes Vice-Diretor e por três vezes Diretor da Faculdade. Suas gestões como Diretor da Faculdade foram assinaladas por importantes inovações como o ensino em regime de internato para os alunos do 6º ano e a criação da Residência Médica, iniciativas posteriormente adotadas por outras escolas médicas do país. Durante sua diretoria foi criado o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo. Entre suas iniciativas, registra-se a criação da Liga de Combate à Sífilis, fundada em 1920.

O Prof. Aguiar Pupo teve destacada atuação como chefe da Inspeção de Profilaxia da Lepra, introduzindo fundamentos científicos na profilaxia da enfermidade que, naqueles tempos, envolvia sanatórios para atenção médica e isolamento de doentes contagiantes e preven-



Foto 2: Prof. Dr. João Aguiar Pupo

tórios para acolher os filhos dos doentes e, assim, afastá-los da possibilidade de contágio. O Prof. Aguiar Pupo concluiu o Sanatório Santo Ângelo e iniciou as obras dos Sanatórios Cocais, Pirapitingui e Aimorés.

Com relação à produção científica do Prof. Aguiar Pupo, destacam-se, na área clínica, seus estudos com relação à classificação clínica das formas de leishmaniose e paracoccidioidomicose. Com relação à paracoccidioidomicose, o Prof. Pupo descreveu a chamada estomatite moriforme de Aguiar Pupo (foto 3), sinal clínico praticamente patognomônico da afecção, que descreve o pontilhado hemorrágico granuloso presente nas lesões mucosas da paracoccidioidomicose.



Foto 3: Estomatite moriforme de Aguiar Pupo. Observa-se, na mucosa jugal, lesões úlcero-vegetantes, de superfície granulosa, com pontilhado hemorrágico.

No campo da terapêutica, em 1926, o Prof. Pupo introduziu com sucesso os arsenicais no tratamento da leishmaniose tegumentar americana, através da utilização do Eparseno (aminoarsenofenol). A medicação mostrou-se particularmente efetiva nas lesões mucosas resistentes aos sais de antimônio. Aguiar Pupo também introduziu o arsenito de sódio no tratamento da leishmaniose.

Outra excepcional contribuição científica ocorrida pela primeira vez, em 1940, a sulfapiridina no tratamento

desta micose profunda. A introdução das sulfas modificou substancialmente o tratamento e prognose das formas graves de paracoccidioidomicose, até então fatais.

O Prof. Aguiar Pupo aposentou-se em 1960 sendo sucedido pelo Prof. Sebastião de Almeida Prado Sampaio (foto 4), que assumiu a cátedra de Dermatologia após vencer concurso de títulos e provas.



Foto 4: Prof. Dr. Sebastião A. P. Sampaio

O Prof. Sampaio nasceu em Casa Branca, interior de São Paulo, em 1919, graduando-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1943, ano em que, a convite do Prof. Aguiar Pupo, começou a trabalhar como assistente voluntário na Clínica Dermatológica, efetivando-se como assistente em 1946. Em 1950, foi aprovado em concurso de Docência-Livre, elaborando tese sobre lúpus eritematoso, doença mal conhecida até então, e da qual estudou 16 casos, casuística praticamente inédita na época.

Em 1951, o Prof. Sampaio completou sua formação no exterior, trabalhando com o Prof. Paul O'Leary na *Mayo Foundation for Medical Education and Research*, um dos maiores centros médicos dos Estados Unidos, na época. Em 1960, assumiu a cátedra de Dermatologia da FMUSP e foi o responsável pela introdução da moderna Dermatologia em nossa escola.

Com sua sensibilidade e experiência, inclusive no exterior, o Prof. Sampaio realizou a transição da Dermatologia morfológica, tradicional, de influência francesa, para a Dermatologia moderna, que aplica as Ciências Básicas no entendimento da fisiopatologia, na diagnose e terapêutica das doenças da pele. Exímio histopatologista, o Prof. Sampaio incutiu e difundiu entre seus discípulos a importância desta sub-especialidade da Dermatologia. Introduziu a discussão diária de casos com grande proveito para professores e alunos. Dinamizou a Clínica Dermatológica, fazendo-a funcionar não somente no período da manhã, mas também à tarde e, através do estímulo constante aos discípulos para freqüentar Congressos e Reuniões Científicas no país e no exterior, projetou a disciplina de Dermatologia nos grandes foros

da especialidade.

Como professor, Sampaio contribuiu para a formação de mais de 300 médicos do país e do exterior na especialidade e, destes, mais de duas dezenas galgaram importantes postos acadêmicos em escolas médicas brasileiras e de outros países.

A produção científica do Prof. Sampaio está expressa em mais de 120 publicações nacionais e internacionais, destacando-se algumas notáveis contribuições científicas como a introdução e a padronização do tratamento da paracoccidioidomicose com anfotericina B. Experimentando inicialmente a droga com o Prof. Carlos da Silva Lacaz, em sua tese de professorado, o Prof. Sampaio não somente demonstrou cabalmente a importância desta medicação, particularmente nos casos graves da paracoccidioidomicose, como também desenvolveu a metodologia de aplicação da medicação de forma a minimizar seus efeitos colaterais através da administração simultânea de hidrocortisona e, se necessário, dipirona - procedimento ainda utilizado por todos os centros que tratam desta enfermidade. De grande importância é o trabalho do Prof. Sampaio, juntamente com o Prof. Raymundo Martins Castro, demonstrando a grande eficácia da Anfotericina B no tratamento das formas mucosas de leishmaniose tegumentar americana, geralmente resistentes aos antimoniais e de alta morbidade.

O Prof. Sampaio também participou, juntamente com o Prof. Luiz Carlos Cucé, dos primeiros trabalhos estudando a utilização dos novos antifúngicos imidazólicos no tratamento de micoses superficiais e profundas.

O Prof. Sampaio também foi responsável pela padronização do tratamento da pitiríase versicolor com imidazólicos, determinando serem 10 dias o tempo de tratamento suficiente para a erradicação do fungo com essas drogas.

No campo da clínica, o Prof. Sampaio descreveu, na pseudo pelada de Brocq, sinal que leva seu nome - "sinal de Sampaio" (foto 5) - que se traduz pela presença, em cabelos arrancados da área lesada, de massa gelatinosa ao nível da porção bulbar do cabelo. Quando presente, este sinal indica atividade da doença.

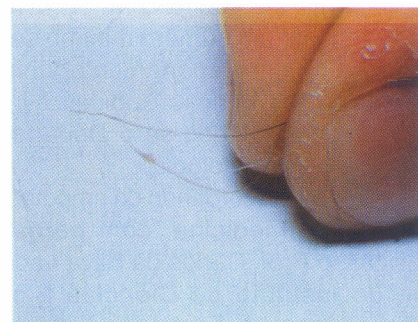


Foto 5: Sinal de Sampaio. Observa-se, na extremidade dos cabelos, retirados por tração de lesão de pseudo-pelada de Brocq, massa gelatinosa. Este achado significa doença ativa.

Além das importantes contribuições científicas, o Prof. Sampaio, sempre em contato com os grandes centros dermatológicos mundiais, introduziu, pioneiramente no país, inovações técnicas importantes, permitindo que nossa clínica sempre estivesse nivelada em relação ao mundo desenvolvido da Dermatologia. Assim, introduziu o laboratório de Imunodermatologia, a criocirurgia com nitrogênio líquido e a cirurgia micrográfica de Mohs, moderna técnica, indispensável ao tratamento adequado de cânceres cutâneos, particularmente algumas formas de carcinoma basocelular recidivados, tumores de anexos, tumor de Merkel e dermatofibrossarcoma, entre outros.

O Prof. Sampaio teve sempre intensa atividade societária junto à Sociedade Brasileira de Dermatologia e sociedades internacionais, tendo sido membro, por muitos anos, do Comitê Internacional de Dermatologia, órgão máximo da dermatologia mundial. Fundou a seção de São Paulo da Sociedade Brasileira de Dermatologia, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica e a Sociedade Brasileira de Dermopatologia.

Ainda no âmbito científico, o Prof. Sampaio fundou, juntamente com o Prof. Luís Díaz, dos Estados Unidos, o Grupo Cooperativo para estudo do Fogo Selvagem, destinado a estudar esta importante enfermidade própria do nosso país. Este Grupo, há mais de 15 anos, vem produzindo importantes trabalhos e o Estudo do Fogo Selvagem constitui linha de pesquisa das mais importantes do Departamento de Dermatologia, atualmente.

Durante a administração do Prof. Sampaio, ocorreram importantes modificações da legislação relativa à Universidade de São Paulo. Em julho de 1962, foram aprovados novos estatutos da Universidade que levaram a Faculdade de Medicina a elaborar nova estrutura, cujo regulamento, aprovado pela Portaria n. GR-519/7.6.68, manteve cátedras e criou departamentos. Este Regulamento criou o Departamento de Dermatologia com duas Disciplinas: Dermatologia, Venereologia e uma terceira disciplina autônoma: Leprologia.

A nova estrutura foi de curta duração. Pelo decreto 52.326, de 16 de dezembro de 1969, foi aprovado o Estatuto da Universidade de São Paulo, pelo qual foi fragmentada a Faculdade de Medicina, sendo retiradas disciplinas básicas de seu ensino. Em função da necessidade fixada de um número mínimo de docentes para constituição de um Departamento, uniram-se as cátedras de Clínica de Doenças Tropicais e Infeciosas e a de Dermatologia, criando-se o Departamento de Medicina Tropical e Dermatologia.

Nessa ocasião, discordando da amputação sofrida pela Faculdade de Medicina, com perda de suas cadeiras básicas, o Prof. Carlos da Silva Lacaz (foto 6) desligou-se do Instituto de Ciências Biomédicas, transferindo-se para a Faculdade de Medicina, agregando-se ao novo Departamento como professor de Geografia Médica, em 1972.

O Prof. Carlos da Silva Lacaz nasceu em

Guaratinguetá, estado de São Paulo, em 19 de setembro de 1915.



Foto 6: Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da USP em 1940, tornando-se professor catedrático de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da USP através de concurso. O Prof. Lacaz, além de sua atuação científica na Faculdade de Medicina, destacou-se pelo seu humanismo e pelo seu interesse pela História da Medicina Brasileira.

Foi Diretor da Faculdade de Medicina entre 1974 e 1978, quando criou o Museu Histórico da Faculdade de Medicina, do qual foi diretor até sua morte, em 2002. O Prof. Lacaz teve, ainda, atuação destacada na criação do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, em 1959. No campo científico, o Prof. Lacaz trabalhou mais especificamente na área de Micologia Médica, Patologia Tropical, Geografia Médica e Iatofarmacogenia. Tem grande número de publicações e livros, dos quais é clássico, na bibliografia médica brasileira, seu Tratado de Micologia Médica em colaboração com Edward Porto, José Eduardo Costa Martins, Elizabete Maria Heins-Vaccari e Natalina Takahashi de Melo. Seus principais trabalhos envolvem a paracoccidiodomicose e seus aspectos epidemiológicos e imunobiológicos e também, graças aos muitos estudos sobre a doença de Jorge Lobo, foi proposto, em sua homenagem a designação de *Lacazia lobo* ao agente causal dessa enfermidade. Após sua aposentadoria, o Prof. Lacaz continuou dirigindo o Laboratório de Micologia do IMT e o LIM-53 do HC-FMUSP - Micologia Médica do Departamento de Dermatologia, onde trabalhou até seus últimos dias.

Em 24 de julho de 1986, pela resolução 3193, da Reitoria da Universidade de São Paulo, o Departamento de Medicina Tropical e Dermatologia foi desdobrado, restabelecendo-se, assim, o Departamento de Dermatologia de 1968. Deve-se considerar que a Faculdade de Medicina da USP foi a primeira a ter a

Dermatologia como Departamento, o que significou liderança na dermatologia brasileira e latino-americana. Após essa conquista, inúmeras outras faculdades do país procuraram criar seus departamentos de Dermatologia, com base no exemplo da FMUSP.

Em maio de 1989, o Prof. Evandro A. Rivitti obteve, por concurso, o cargo de Professor Titular do Departamento de Dermatologia, assumindo a sua chefia no mesmo ano, em decorrência da aposentadoria do Prof. Sebastião A. P. Sampaio.

A principal atividade científica do Prof. Evandro centrou-se no Grupo Cooperativo para Estudo do Fogo Selvagem que atua em conjunto com o Prof. Luís A. Díaz, atualmente na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e que envolve médicos membros do Departamento de Dermatologia, como a Dra. Valéria Aoki, o Dr. José Antonio Sanches Jr., a Dra. Celina Maruta, a Dra. Claudia Giuli Santi e o Dr. Vítor Manoel Silva dos Reis, além de membros de outras instituições brasileiras. Ao longo dos cerca de 15 anos de atuação, esse grupo ofereceu contribuição científica realmente significativa no estudo do Pênfigo Foliáceo Endêmico ou Fogo Selvagem:

1. Estudos epidemiológicos, descobrindo e descrevendo focos endêmicos da enfermidade no oeste do Paraná e em Mato Grosso do Sul, particularmente nas aldeias terenas de Córrego Seco e Limão Verde, localizadas nas proximidades da cidade de Aquidauana.
2. Em 1985, demonstrou o papel patogênico dos anticorpos antiepiteliais intercelulares em seus aspectos clínicos, histopatológicos e imunológicos, através da inoculação intraperitoneal de soro de doentes de Fogo Selvagem em camundongos Balb-C recém-nascidos (foto 7).

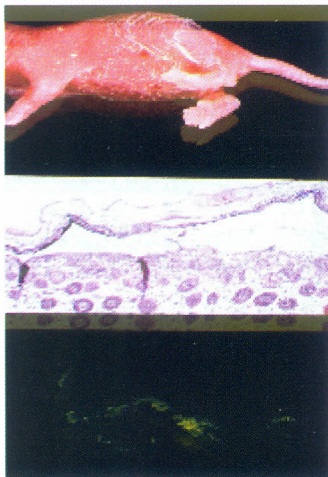


Foto 7: Reprodução clínica, histopatológica e imunológica de Fogo Selvagem no modelo animal (Balb-C) com IgG de soro de Fogo Selvagem.

3. Em 1987, demonstrou a importância do uso de tampões de cálcio para aumentar a sensibilidade das reações de imunofluorescência.
4. Em 1989, demonstrou que a principal subclasse de imunoglobulinas que atua como autoanticorpo do Fogo Selvagem é a subclasse IgG₄, com menor participação das classes IgG₁ e IgG₂ e ausência de participação da subclasse IgG₃. Obteve, ainda a produção experimental da doença em camundongos Balb-C recém-nascidos, pela inoculação intraperitoneal de IgG₄ obtida do soro de doentes de Fogo Selvagem.
5. Em 1996, descreveu casos de pênfigo herpetiforme em doentes de Fogo Selvagem, surgidos durante a evolução normal da enfermidade.
6. Em 1997, demonstrou definitivamente a participação de fatores genéticos na etiopatogenia do Fogo Selvagem.
7. Em 1999, demonstrou a existência de período de incubação no Fogo Selvagem. Doentes acompanhados clínica e sorologicamente, exibindo-se clinicamente normais por alguns anos, apresentaram reações de imunofluorescência negativas, mas reações de imunoprecipitação positivas e, 2 ou 3 anos após, desenvolveram a doença com positividade nas reações de imunoprecipitação e também nas de imunofluorescência.
8. Em 2000, comprovou imunologicamente a importância do fator geográfico localizador da endemia. Estudos realizados em doentes e parentes de doentes no foco endêmico de Limão Verde comparativamente a indivíduos normais de áreas não-endêmicas do Brasil e de indivíduos normais dos Estados Unidos e Japão demonstraram, através da técnica ELISA usando como antígeno Desmogleína 1 recombinante, que a positividade das reações é inversamente proporcional à distância do foco endêmico. Assim, a positividade de residentes no foco endêmico foi de 97% nos pacientes, de 65% nos parentes sadios, e de 39% nos indivíduos sadios não-relacionados. Por outro lado, a positividade nos indivíduos normais de Aquidauana, a 25 km do foco endêmico, é de 11%; nos indivíduos normais que vivem em Campo Grande, a 160 km do foco endêmico, é de 6%, e, em São Paulo, a 1200 km do foco endêmico, é de 5%. Nos indivíduos normais do Japão e dos Estados

Unidos, a positividade é de apenas 2%.

9. Quanto à imunidade celular, em 2000, possibilitou a caracterização, nos doentes, de clones de linfócitos T que proliferam quando em contato com a Dsg1 recombinante, demonstrando-se, portanto, a existência de linfócitos T especificamente sensibilizados no antígeno. Verificou-se, ainda, que esta resposta proliferativa dos linfócitos T é restrita aos HLA-Dr, que estes linfócitos T são CD₄ positivos e têm padrão de produção de citocinas do tipo TH₂.
10. Em 2001, demonstrou que ocorre transformação das subclasses de IgG nas fases pré-clínica e de doença. Nas fases pré-clínica e de remissão, os indivíduos exibem níveis semelhantes de IgG₁ e IgG₄. À medida que entram na fase clínica, aumentam os níveis de IgG₄ e diminuem os de IgG₁.

Houve, portanto, um significativo avanço no estudo da doença após a criação do Grupo Cooperativo para Estudo do Fogo Selvagem e o Departamento de Dermatologia tem a liderança nacional das atividades do Grupo.

O corpo clínico atual da Divisão/Departamento de Dermatologia compreende, além do Professor Titular, 3 Professores Associados: Prof. Luiz Carlos Cucé, Prof. José Eduardo Costa Martins, Prof. Alberto José da Silva Duarte; vários professores-doutores pertencentes aos quadros da FMUSP e do HC-FMUSP: Dra. Anete Sevciovic Grumach, Dra. Celina Wakisaka Maruta, Dra. Claudia Giuli Santi, Dr. Cyro Festa Neto, Dr. Eugênio Raul de Almeida Pimentel, Dr. Gil Benard, Dr. José Antonio Sanches Jr., Dra. Leontina da Conceição Margarido, Dr. Luiz Guilherme Martins Castro, Dra. Maria Ângela Bianconcini Trindade, Dra. Maria Aparecida Constantino Vilela, Dra. Maria Denise Fonseca Takahashi, Dra. Maria Notomi Sato, Dra. Mírian Nacagami Sotto, Dra. Valéria Aoki, Dr. Vítor Manoel Silva dos Reis, Dr. Walter Belda Jr. e Dra. Zilda Najjar Prado de Oliveira. São ainda componentes do corpo clínico os mestres: Dr. Dácio Burjato Jr., Dra. Maria Cecília da Matta Rivitti Machado e Dr. Marcello Menta Simonsen Nico; e os médicos: Dr. Djalma Antonio Carmignotto e Dra. Eliane Barbosa de Oliveira Ribeiro.

A Divisão/Departamento de Dermatologia é organizada nos setores: de internação, na enfermaria do 3º andar do Instituto Central, e nos ambulatórios, no Prédio dos Ambulatórios, do HC-FMUSP.

Existem vários ambulatórios sob a chefia dos membros do corpo clínico:

1. Ambulatório Geral e Didático de Dermatologia: funciona como pronto atendimento e seleciona os pacientes que, pela complexidade de sua enfermidade, devem ser matriculados na Divisão de Dermatologia. É freqüentado por internos e residentes e supervisionado por médicos assistentes, que se revezam nos dias da semana.
2. Setor de Alergia: sob responsabilidade das Dras. Celina Maruta e Maria Ângela Bianconcini Trindade e do Dr. Vítor Manoel Silva dos Reis.
3. Setor de Cirurgia Dermatológica: sob responsabilidade dos Drs. Eugênio Raul de Almeida Pimentel e Luiz Guilherme Martins Castro.
4. Setor de Dermatologia Infantil: sob responsabilidade das Dras. Zilda Najjar Prado de Oliveira e Maria Cecília da Matta Rivitti Machado.
5. Setor de Colagenoses: sob responsabilidade da Dra. Maria Aparecida Constantino Vilela e do Dr. Vítor Manoel Silva dos Reis.
6. Setor de Micologia: sob responsabilidade dos Drs. José Eduardo Costa Martins e Luiz Guilherme Martins Castro e da Dra. Neusa Yuriko Sakai Valente.
7. Setor de Dermatoses Inestéticas: sob responsabilidade do Dr. Luiz Carlos Cucé e da Dra. Maria Cecília da Matta Rivitti Machado.
8. Setor de Fotodermatoses e Fototerapia: sob responsabilidade dos Drs. José Eduardo Costa Martins e Dácio Burjato Jr. e da Dra. Eliane Barbosa de Oliveira Ribeiro.
9. Setor de Estomatologia: sob responsabilidade do Dr. Marcello Menta Simonsen Nico.
10. Setor de Imunossuprimidos: sob responsabilidade do Dr. Marcello Menta Simonsen Nico.
11. Setor de Hansenologia: sob responsabilidade das Dras. Leontina da Conceição Margarido e Maria Ângela Bianconcini Trindade.
12. Setor de Vasculites: sob responsabilidade do Dr. Djalma Antonio Carmignotto.
13. Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis: sob responsabilidade do Dr. Walter Belda Jr.
14. Setor de Oncologia Cutânea: sob responsabilidade dos Drs. Cyro Festa Neto e José Antonio Sanches Jr.
15. Setor de Psoríase: sob responsabilidade da Dra. Maria Denise Fonseca Takahashi.
16. Laboratório de Imunopatologia: sob responsabilidade das Dras. Zilda Najjar Prado de Oliveira e Valéria Aoki e dos Drs. Cyro Festa Neto e José Antonio Sanches Jr.
17. Laboratório de Dermatopatologia: sob responsabilidade das Dras. Mírian Nacagami Sotto e Maria Aparecida Constantino Vilela.
18. Laboratório de Imunogenética (LIM-56): sob responsabilidade do Dr. Alberto José da Silva Duarte.
19. Laboratório de Micologia Médica (LIM-53): sob responsabilidade do Dr. José Eduardo Costa Martins.

Esta múltipla atividade dos laboratórios e ambulatórios tem permitido produção científica razoável dos vários setores. Há grande contribuição do Departamento em periódicos nacionais e internacionais no campo clínico, com descrição de casos raros e atípicos nas áreas de Dermatologia infecciosa (Prof. Luiz Carlos Cucé, Dr. Luiz Guilherme Martins Castro e Dr. Marcello Menta Simonsen Nico), Dermatologia Infantil (Dra. Zilda Najjar Prado de Oliveira, Dra. Maria Cecília da Matta Rivitti Machado e Dr. Marcello Menta Simonsen Nico) e no campo das genodermatoses (Dra. Zilda Najjar Prado de Oliveira e Dra. Maria Cecília da Matta Rivitti Machado). Alguns desses artigos tiveram repercussão suficiente para serem rerepresentadas em publicações que selecionam a produção mundial anual como o Year Book of Dermatology, que reproduziu, em 1992, artigo relativo à importância da detecção de depósitos PAS positivos ao longo da Membrana Basal no lúpus eritematoso (Dra. Mirian Sotto, Zilda N. P. Oliveira, Dra. M. Aparecida C. Vilela et al.) e, mais recentemente, em 2000, com a reprodução de artigo sobre a indução de lesões de Pênfigo Foliáceo (Fogo Selvagem) por radiação UVB (Dr. Vítor Reis e Dr. José Eduardo Costa Martins).

Em 1992, foi descrita, pela primeira vez no Brasil e na América Latina, a ocorrência de resistência plasmidial e cromossômica à *Neisseria gonorrhoeae* (Dr. Walter Belda Jr.).

Também tem sido intensa a produção do Departamento na área de Micologia Médica, particularmente no âmbito da

Paracoccidiodomicose. São trabalhos que resultaram em publicações sobre características moleculares do *Paracoccidioides brasiliensis* (Prof. Lacaz e colaboradores), Imunologia da Paracoccidiodomicose (Prof. Alberto Duarte, Dr. Gil Benard e colaboradores).

São ainda importantes os estudos na Leishmaniose Tegumentar Americana, de caráter experimental e desenvolvimento de anticorpos para uso em reações imunohistoquímicas para detecção de antígenos específicos da Leishmaniose (Dra. Mirian Sotto).

No estudo de Dermatoses Bolhosas, foi ainda importante a introdução das técnicas de (Dra. Zilda Najjar Prado de Oliveira). No campo da Oncologia Cutânea, destacam-se trabalhos sobre carcinoma basocelular (Dr. Cyro Festa Neto) e linfomas cutâneos (Dr. José Antonio Sanches Jr.). Na área de Cirurgia Dermatológica, destaca-se o desenvolvimento da Criocirurgia (Dr. Eugênio Raul de Almeida Pimentel e Dr. Dácio Burjato Jr.), Cirurgia Dermatológica Geral (Dr. Eugênio Raul de Almeida Pimentel e Dr. Luiz Guilherme Martins Castro) e Cirurgia Micrográfica de Mohs (Dr. Eugênio Raul de Almeida Pimentel), na qual o Departamento de Dermatologia foi pioneiro no país.

Portanto, desde seus primórdios até os dias atuais, o Departamento de Dermatologia prima por sua atuação no ensino, assistência e pesquisa e conseguiu, sem dúvida, ao longo de sua história, destacar-se no país pela operosidade e contribuições científicas de todos os seus membros.

Rivitti, E.A.: Departamento de Dermatologia: histórico, seus professores e suas contribuições científicas. *Rev Med* Edição Comemorativa dos 90 anos da FMUSP, São Paulo, 81(especial): 7-13, novembro/2002.

DESCRIPTORS: Dermatology/history; Faculty, Medical/history.
